

Espanha e Itália brigam pela pior colocação na crise atual

Num momento em que os juros cobrados pelos títulos da dívida do país dispararam novamente, o primeiro-ministro da Espanha, Mariano Rajoy, optou por atacar o primeiro-ministro da Itália, Mario Monti. Os dois países parecem disputar a pior colocação na crise que atinge a zona do euro e que já levou a Irlanda, Grécia e Portugal a buscarem empréstimos internacionais para cumprirem com seus compromissos a curto prazo. No início desta semana, Monti responsabilizou a Espanha pela alta da taxa de juros pagos pela Itália aos investidores durante leilão dos títulos da dívida italiana.

Foi a segunda vez em que o premiê criticou o governo espanhol, aumentando a tensão entre os dois países, que disputam o mesmo espaço no mercado de títulos das dívidas públicas, em meio ao derretimento da zona do euro.

Além de Monti, o presidente da França, Nicolas Sarkozy, também tem pressionado a Espanha para que aprofunde os programas recessivos, que enfrentam forte resistência interna. "A situação da zona do euro e dos mercados é de enorme complexidade", alegou Rajoy em reunião com parlamentares espanhóis. O objetivo da reunião de Rajoy foi tentar convencer sua base política a aprovar os impopulares cortes de gastos públicos, que incluem a retirada de mais 10 bilhões de euros da Educação e da Saúde. "Tem havido declarações de alguns dirigentes europeus, novamente ontem [segunda-feira] à noite. Nós, o governo da Espanha e os espanhóis, não vamos contra ninguém. Nós não falamos de outros países. E desejamos a todos os países da União Europeia o melhor. O que é bom para a Espanha é bom para a zona do euro. Todos temos problemas e nós trabalhamos para solucionar os nossos, porém, também para ajudar a zona do euro e esperamos que os demais façam o mesmo, que assumam suas responsabilidades e sejam prudentes em suas afirmações. Todos temos uma grande responsabilidade, queremos uma Europa forte e um euro forte", discursou. Dentro dessa lógica, ele classificou de "dever" de seu governo aprovar medidas que prejudicam seu próprio povo, mas são exigidas por credores e União Europeia.

Itália paga juros maiores

O Tesouro da Itália voltou ontem ao mercado financeiro para negociar 11 bilhões de euros em títulos da sua dívida soberana. Os juros pagos pelo país para os títulos de 12 meses chegaram a dobrar em relação ao rendimento cobrado há 28 dias, passando de 1,405% para 2,84%. A reação reforça o temor de que a Itália pode ser mais fortemente afetada pela crise da zona do euro.

A União Europeia vive uma nova onda de preocupação desde terça-feira, quando os principais mercados financeiros do bloco caíram até 5%. Ontem, as bolsas de valores fecharam no positivo, reagindo positivamente após Wall Street abrir com sólidos ganhos depois de comentários de William Dudley, presidente do Federal Reserve de Nova York, vice-presidente do Fed nacional e membro votante do Fomc. Ele indicou que as taxas de juros vão permanecer baixas até 2014.

A fala de Dudley compensou prejuízos após a divulgação sobre o aumento inesperado dos pedidos de auxílio-desemprego nos EUA. O número de trabalhadores norte-americanos que entraram pela primeira vez com pedido de auxílio-desemprego subiu 13 mil, para 380 mil, após ajustes sazonais, na semana até 7 de abril, segundo informou ontem o Departamento de Trabalho dos EUA. Essa foi a maior alta nos pedidos em quase um ano. Os economistas ouvidos pela Dow Jones esperavam aumento de mil solicitações, para 358 mil.

Ainda assim, durante grande parte do dia o pessimismo imperou a respeito da saúde financeira da Itália e da Espanha.

Ao contrário da Alemanha, que refina suas dívidas a taxas de juros cada vez mais baixas, os italianos voltaram a negociar títulos com juros em elevação. Ontem, os yields cobrados pelos investidores por 3 bilhões de euros em títulos com validade de três meses subiram de 0,492% a 1,249%. Para 8 bilhões de euros de títulos para um ano, a taxa subiu para 2,84%.

Se a elevação das taxas de juros persistir, analistas acreditam que a Itália terá dificuldades crescentes para refinarçar sua dívida pública, da ordem de 120% de seu Produto Interno Bruto (PIB). Só em 2012, Roma terá de emitir 450 bilhões de euros em títulos da dívida. Em nota divulgada após a operação da venda de títulos, o próprio Banco Central da Itália reconheceu os efeitos do que chamou "aumento da tensão" na zona do euro, depois de quatro meses de calma. "Mesmo se a demanda se mostrar sustentável, de acordo com as nossas expectativas, o resultado da operação foi marcado pelo retorno das tensões sobre os títulos da dívida soberana da zona do euro e foi caracterizado por um aumento considerável dos rendimentos", analisou a autoridade.

Para retomar a credibilidade da Itália aos olhos dos credores internacionais, o primeiro-ministro Mario Monti vem implementando um duro programa de reformas e de austeridade no país. A mesma política foi adotada por Mariano Rajoy.

Fonte: DCI, São Paulo, 13 abr. 2012, Primeiro Caderno, p. A10.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais.